

Psychologia do calote



O calote, como toda a expressão da essência humana, tem a sua psychologia especial. Essa psychologia corre toda a gamma da intensidade e do pitoresco, desde os vulgares dez tostões emprestados até ao sério problema internacional das dividas externas.

Portugal é individual e collectivamente, um paiz de caloteiros.

O dinheiro que se empresta não se paga. Os livros que se emprestam não se restituem.

Emprestar, foi-se tornando, pouco a pouco, um synonymo de — alienar.

As taboletas de *Empréstimos sobre penhores* são, de certo modo, um symbolo da vida economica portugueza.

Empresta-se tudo — e não se paga nada.

A velha formula já caracteristicamente luzitana dos dez tostões, envolve um mundo de subtilezas e de meias-tintas.

Subindo na escala de valores e chegando á importancia politica do empréstimo nacional, as subtilezas e as bagigangas psychologicas augmentam na razão directa dos capitães.

De ordinario, quem empresta a um amigo, perde o amigo e o dinheiro.

Nesse grande museu de figuras de cêra que se chama — a satyra humana, os crédores são crivados de epigrammas, quasi tanto como os médicos — que, afinal, constituem uma modalidade culta do crédor.

É facto sabido: pessoa a quem emprestamos dinheiro não nos paga e volta-nos a cara quando nos encontra.

Se quizeres que o teu amigo diga mal de ti, leitor cordato — empresta-lhe dez tostões.

Ampliando este facto simples de observação vulgar, está explicada a animadversão contra toda a espécie de convénio com os credores externos.

Portugal, lembrando-se de que tem de pagar — revolta-se. Para elle, o melhor convénio, o unico convénio sympathico, seria aquelle em que ainda por cima lhe pagassem.

Por um phenomeno de deslocação de responsabilidades e por uma verdadeira illusão, toda a gente objectiva no sr. Carrilho o horror instinctivo que nutre pelos crédores externos.

Em ultima analyse e no fundo de todos os processos cerebraes da multidão, os credores não são a França, nem a Allemanha, nem o *Council of Foreign Bondholders*: o unico crédor externo que se conhece é o proprio sr. Carrilho.



Por isso, enquanto o sr. Hintze o recebe debaixo de pallio, como Arcebispo Primaz das Finanças, a multidão, para quem elle, por um desvio illusorio, symbolisa o verdadeiro cré-



dor, recebe-o, muito pelo contrario, á pedrada.

São as subtilezas e as meias-tintas da psychologia do calote.

E quando, por soléme prémio d'um governo agradecido, o sr. Carrilho fôr agora nomeado par do Reino, a multidão desconfiada irritar-se-ha duplamente, por que já não vê n'elle um só crédor...

Vê um par... de crédores!

FAIA.



Cumulos

Da **Regata**. — Correr n'um bote de rapé.

Do **Banquete médico-militar**. — Levantar saúdes com as copas das espadas.

Do **Maritimo**. — Evitar o choque d'um bote de florete.

Da **Ebulição**. — Ferver em pulgas.

Da **Aereonavegação**. — Largar balões d'ensaio.

Do **Fructicultor**. — Lavar as maçãs do rosto com o suor do mesmo.

Do **Barbeiro**. — Escanhoar a consciencia perante o espelho d'alma.

Do **Ourives**. — Fabricar um anel para o dedo da Providencia.



BIBLIOGRAPHIA

O *Filho do Mosqueteiro*, romance de capa e espada, de Paul Mohalin.



Os srs. Urbano de Castro e Alvaro Pinheiro Chagas, nossos illustres collegas e amigos, fundaram uma bibliotheca triplíce (bibliotheca popular, bibliotheca illustrada e bibliotheca artistica) destinada realmente a produzir barulho no nosso meio litterario pelo arrojado editorial e pelo primór das obras.

Iniciando a sua decerto prospera vida, a Empreza das *Tres Bibliothecas* começa a publicar em fasciculos o romance de Paul Mohalin *Filho do Mosqueteiro*, annunciado em bellos cartazes pelas esquinas.

Desejamos todas as felicidades aos novos editores e nossos queridos amigos.

Livro d'ouro da Nobreza de Portugal, por P. Ferreira e S. de Azevedo.

Excellent publicação que vem preencher uma lacuna no nosso meio e ensinar muita coisa que se não sabia.

As familias titulares adquirir-o hão por lhes ser util, e as familias burguezas, — por lhes não ser inutil.

Magnificas lithographias de brazões d'armas, e texto de primeira ordem.

O homem esverdeado!

ou a Porta Misteriosa do segredo dos Tesouros dos subterrâneos do Castello Maldito

Grande romance historico

(Traducção á letra do notavel escriptor M. Gustavo)

PRIMEIRA PARTE PAMELA, A PERFIDA OU

«Não, não, o vicio nem sempre é castigado»

CAPITULO VI

Em que apparece o homem esverdeado

(Continuado do numero antecedente)

Na noite d'esse mesmo dia, Arthur de Boisflotté, com o espirito ainda preocupado pela doce visão da rua de Tournelles, dirigiu-se para casa de Lady Pamela, embaixatriz de Inglaterra.

Assim frisado, perfumado, adonizado, coberto de pedrarias, de rendas e de laços, o joven Arthur tinha todo o aspecto d'um pe-



tit-maitre, da mais requintada elegancia. Seria meia noite quando elle chegou ao palacio da Embaixada.

Já lá estava immensa gente. Toda a *jeunesse dorée* de Paris, Enguerraud de Vaulx-Brezé, Montretout, La Pelade, Juan Bregaro, Alcides de Normandia, mr. de Montvieil e o cadete da Gasconha Kelbourovot, todos faziam roda á dona da casa, dizendo-lhe mil coisas amaveis e sedicças.

Tendo passado a primeira juventude, até mesmo a segunda, Lady Pamela, estava ainda na idade de poder ser amada. A sua pelle era linda, cõr de lyrios e de rosas e conservava ainda aquella carnacção brilhante que os nevoeiros do Tamisa dão ás filhas d'Albion.

A bella ingleza contava innumerados adoradores. Tanto mais que ella, como a marechala d'Ancre, parecia ser possuidora d'uma virtude muito pequenina.

Como as ingenuas borboletas empenhadas em queimar as azas á luz, os grandes nomes de Franca deixavam-se hypnotisar por essa belleza sem rival, sem perceberem, os desgraçados, que aquelles olhos falsos, — falsos mas não posticós, — que aquelle seu falso olhar denotava uma alma manhosa e desleal, que, como a da serpente, sabe fazer calar os rugidos do odio e voltar se na sombra

para saltar e morder.

Só Deus sabe os crimes horripilantes de que era capaz esta astuciosa creatura, ajudada pelo seu primo Rolando d'Hodeurforth e com os conselhos da sua criada favorita, uma hollandeza d'olho magano e chamada Frida.

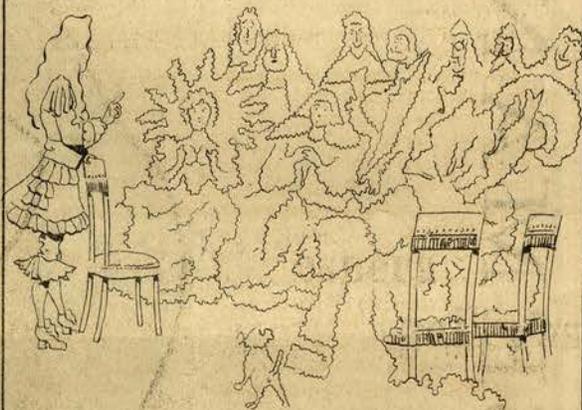
—Olá, Visconde, disse a bella ingleza, ao ver entrar Boisflotté, fallavamos justamente do grande baile masqué que a rainha-mãe, tenciona dar no seu castello do Louvre em 10 d'este mez. Não ouviu falar tambem?



—Então não havia de ouvir?— disse a amavel deidade. E por signal que a Rainha morreria de medo se soubesse que especte de hospede vae receber!

Toda a gente se voltou curiosamente para o joven senhor, que continuou n'estes termos:

—Ha dias estava eu com alguns amigos na *Estalagem maldita* e falavamos no assumpto de que se trata agora, quando uma voz melancolicamente grave se ergueu por detraz de nós: — «Senhores, se ha um baile na cõrte, não poderei faltar!» O homem que disse estas palavras parecia ser d'uma elevada estatura. Estava vestido de um gibão escuro e trazia ao hombro um sacco de velludo negro semeado de lagrimas de prata. Vos todos, senhores e senhoras que me ouvis, de



veis todos já ter reconhecido esta singular personagem, — ou reconhecel-a-heis logo que vos disser que a sua face era d'uma palidez de cãra e a sua mascara, decompondo-se, tomava uma tinta glauca...

Um estremecimento violento percorreu o auditorio.

—E' o *Homem Esverdeado*! exclamaram todos, como uma só voz.

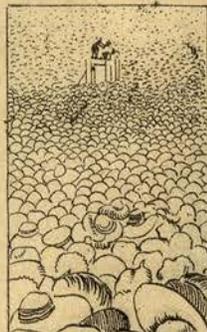
CAPITULO VII

O Bilhete ensanguentado

—Sim, o Homem esverdeado, minhas senhoras e senhores, o Homem esverdeado virá ao baile da Cõrte.

—Mas esse homem foi enforcado o anno passado, objectou Kelbourovot, —enforcado até morrer...!

—Perdão... E' que o Homem Esverdeado não morreu! E' uma creatura sobrenatural, ou pelo menos extraordinaria. Depois de vingar os filhos do principe Coriolani, foi condemnado a ser enterado vivo. Executou se a sentença: mas no dia seguinte, a sepultura estava vazia. Foi envenenado multissimas vezes; apunhalado mais vezes ainda; e morreu sem duvida muito mais vezes do que qualquer de nós. O anno passado, esse extraordinario personagem foi decapitado literalmente, com a cabeça separada do tronco, e vice-versa, em presenca de vinte mil pessoas, — e entretanto, eu vi-o vivo hontem com estes dois olhos que vos estão vendo, illustres senhoras e senhores.



(Continúa)



BORRALHO PINHEIRO - IMIT.

O que pesa sobre todos nós



«O Algoz» de Alfredo Gallis

Custa nos ter de chamar a attenção de quem superintende na direcção da Companhia Real dos Caminhos de Ferro para este horrivel drama conhecido pelo *Algoz*, que acaba de impressionar em quatro machinas rotativas duplas toda a população de Lisboa.

Isto assim não pode continuar, dá a quem dóer. Não basta que dösse aos *habitués* do theatro de D. Maria: é necessario que dda a quem pela sua ineptia ou incuria permite que horribes scenas de sangue se repitam com uma frequencia atterradora.

Eis como o caso se passou, tim tim por tim tim:

O joven Leovogildo é creatura de vistas bastante curtas, a ponto de que ainda ha pouco tempo era cego. Teve a boa sorte de deparar com o dr. Recaredo, que é especialista em doenças de olhos e lulas de caldeirada. Este homem afortunado tem uma fama universal, apesar de ninguem se curar radicalmente com elle. Porque os clientes em quem elle acaba com a gota serena, irmã do serenissimo senhor Gotha, ou como a cataracta, ficam depois cegos pelas lulas do homem. Uma inferneira!

Mas o jovem Leovogildo não gostava de lulas. Lá se diz no *Algoz*:

Leovogildo

C'mo posso eu gostar de lulas,
Constantemente mordido por pulgas!

Assim, consegui curar-se. Viu novamente. E, voltando a ver, viu voltado para si o coração da filha do especialista, D. Brunhilda, menina de quarenta annos, prendada como burro, e com um d'estes corações de encher o olho a toda a gente, quanto mais a um sujeito que vem de ter dois mergulhados na treva da cataracta. Mas Leovogildo não se impressionou com isso. Se elle não gostava de lulas! E depois amava outra: uma catita da rua de S. João dos Bem Casados que borda coisas a missanga mesmo na perfeição.

D. Brunhilda é que não queria saber de desgraças e fazia cerco ao valete. O pae ainda a avisou — Oh Chica, não mettas pé! — mas ella, isso sim! Via-se com quarenta e estava damnada para enterrar os joanetes dos dois pés — pelo menos — na voragem do matrimonio.

Entrementes o pae começa a soffrer da espinha e os collegas declaram que o homem estava com tábes. Tudo por causa da moça, que estava com ella ferrada para o Leovogildo, e não havia meio de a arrancar das taboas.

O rapaz, commovido, convenceu-a de que aquillo não era coisa para brincadeira e que se fosse ella srranjando com a prata da casa, que mais desgraçado era um maneta.

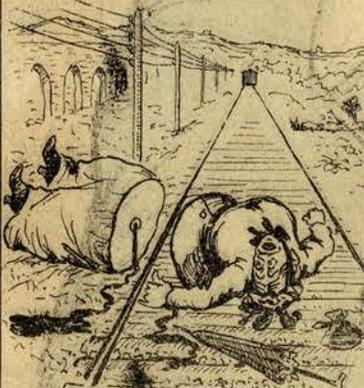
Mas isso arranjava ella. Teimosa como uma mula e isso então é que foi ama! o homem com todos os matadoes.

Elle insistiu, accusando-a da doença do pae. Também é da peça:

Leovogildo

E' preciso estar ceg! para que não perceba,
Que seu pae, que começou por ter tábes,
Já está a contas com um tábes te escreva.

Meus amigos, a mulher perde as estribeiras, enfia pelo tunel do Rocio e vae a Campolide metter-se debaixo d'um comboio de mercadorias. A quarentona ficou para alli em dois bocados: vinte annos para um lado, vinte e um para o outro. Um horror!



As culpas são attribuidas ao chefe de Campolide que, tendo visto D. Brunhilda, não fez a gulha. Na opinião dos peritos, se o homem faz a operação, a coisa arranjava-se a contento de todos. Mas, ou porque não soube fazel-a, a catastrophe deu-se.

E o mais triste do caso é que o Cavalheiro Leovogildo anda por ahí todo lampeiro, de lunetas fumadas, elle no Campo Pequeno, elle no D. Amélia, elle no diabo que o carregue, sem estado de consternação em que se ache.

Ha gente para tudo. Para tudo — menos isso!

O Homem dos Miudos.



Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

1.ª serie de 10

200 réis

20 réis cada um

Em Lisboa acham-se á venda nas lojas onde se vende a *Parodia* e na administração, d'este jornal, rua do Gremio Luzitano, 56-1.ª, para onde podem ser dirigidos quaesquer pedidos, acompanhados das respectivas importancias.

No Porto:

Em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro, 137, e nas livrarias.

Em Coimbra:

Na livraria Mesquita.

Nas outras terras:

Em casa dos agentes d'A Parodia

ALBUM DAS GLORIAS

Publica-se brevemente o n.º 39, compreendendo o *portrait charge* do grande lyrico Bulhão Pato acompanhado de artigo firmado por outro poeta illustre e brilhantissimo prosador: Julio Dantas.

Assim vae o *Album das Glorias* cumprindo honradamente o seu programma, auxiliado pelo crescente bom acolhimento que o publico se digna dispensar-lhe por forma a mais penhorante para nós.

Este terceiro numero apparece já em papel muito superior aos numeros antecedentes, sem alteração no preço de assignatura ou venda, que continua sendo o mesmo.

Toda a correspondencia de character administrativo referente ao *Album* deverá ser dirigida ao nosso gerente Gonzaga Gomes, 66 — 1.ª rua do Gremio Luzitano.



A CAPA D'A PARODIA,,

Para o 1.º e 2.º volume

Preço 700 réis cada

Vende-se em Lisboa, no escriptorio da administração Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º, na papelaria Alves & Ferreira, Rua Augusta 220 e 222, e em diversas livrarias e tabacarias. No Porto em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro. Em Coimbra, na livraria Mesquita.

A administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos da provincia para remessa de capas, devem ser acompanhados de mais 40 réis para porte do correio, de cada capa.

MENÉRES & C.ª

Porto

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria de Sanidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

Ouivesaria e Relojoaria

com officina anexa
de fabrico e

concertos

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99



Callista

pedicuro

JERONYMO FERNANDES

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chado)

EXTRACÇÃO de callos e
desencravamento de unhas
pelos mais modernos processos
até hoy conhecidos.

Pede-se ao publico que visite e te consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que alli se operam.



Vivinha a saltar!

Cuspinheira amena:

Estavamos nós no nosso barbeiro perpetrando o sacrifício da escanhoadela, quando um dos officiaes da loja gritou para dentro, ao mestre:



— Ah! vem o dr. Amado c'o pelica, por causa dos escarradores!

— Deixa vir!

Dois minutos depois entrava o sr. dr. com um livrinho de capa de oleado na dextra e um lapis de Faber na sinistra, acompanhado por um d'estes policiaes que andam de espada, o qual vinha acompanhado por um outro policia d'estes que andam sem espada.



— Ora viva, viva... (ao policia de espada) Parece que um, hein?

O policia de espada puxou pela veneranda pera de Amorim e respondeu em surdina, como se estivesse assistindo ao final dos Amores do Principe Perfeito:



— Perfeitamente, perfeitamente. Um: — um, e aqui ao pé d'este ferro de enfiar as vingalas.

O sr. dr. concordou com a colocação e ordenou ao barbeiro:

— O sr. põe aqui um escarrador. Um basta. Porque as pessoas que estão fazendo a barba não cospem. Cospe mas é quem está aqui sentado: á espera da vèz, fumando o seu cigarro...

E foi-se.

Temos pois remedio para as pessoas que soffrem de bronchite e escarram a cada passo: — é andar de toalha ao pescoço, tromba'ensaboadá e navalha na mão.



O medico é que disse. E de mais a mais apoiado na auctoridade do policia, que tinha uma das pèras mais scientificas que temos visto.



Como aconselhámos no nòsso número anterior a um colhér d'hervas qualqúer que nos perguntou se *achispe* é applicável apenas áos pés de porco ou a todos e quasqúer pés* que perguntásse allí ao Snr. Louro, responde-nos immediatamente este Snr. para nos declarar mui peremptoriamente, não em *sónica*, o que muito nos surpreendeu, mas em *etymologica*, o que muito nos sensibilizou, que no seu consultório não é costume entrár-se com os pés nas algibeiras, o que não quer dizer que não attenda a aquelles que se lhe appresentem com pés de lã.

Ahi fica o aviso.



Explicando a um sujeito que pretende saber coisas urgicas, o que é cilha e o que é silha, o nosso erudito collega dr. Candido de Figueiredo diz com muita graça no *Diario de Noticias*.

«Silha todos a podem ter, é até o papa a ter; a cilha pertence ás bestas, embora sintamos ás vezes tentações de apertar com ella certos animaes de dois pés.»

Tem graça embora seja pesada. Lá isso l... Mas olhe, dr.: — a *Sabedoria das Nações*, bordão a que muitas vezes nos arrumamos, diz que quem tem espartilho de barba de baleia não aperta com cilhas a cintura do visinho.



A um amavel correspondente temos a dizer que o convenio com os credores externos é uma coisa séria, mais séria que uma desculpa apresentada a um credor de ao pé da porta — a qual coisa não se presta a chuchadeiras que, sobre serem inconveniencias, seriam tambem canalhices.

Como canalhice foi igualmente o apedrejamento do comboio que trazia a pèra do sr. Carrilho e o proprio sr. Carrilho.

Não deixa de ser singular, porem, a noticia do sr. Marianno de, ao estalarem os vidros do *wagon-restaurant* com as pedradas, o sr. Carrilho se ter posto de pé pedindo desculpa aos outros companheiros de viagem da sensaboria que por causa d'elle estavam passando.



E' realmente d'uma argucia tres vezes diplomatica isto de a gente saber que as pedras atiradas a um comboio em que seguimos nos são destinadas.

De duas, uma: ou as mandamos atirar, ou reconhecemos implicitamente que as merecemos.

Se não é, parece.



N'um d'aquelles seus succulentos e peitoraes artigos atinentes a demonstrar que o azeite de Santarem é pouco mas sabe bem, burila João da Motta Prego este enphonico e retumbante periodo que é a inveja do orchestrante prosador Fialho d'Almeida:

«O Instituto Agrícola Siciliano de Catania deve a sua criação aos tres milhões de liras do legado Valdisavoia.»

Este Valdisavoia vem a ser um que pareceu avergado ao horrído peso da mais insolita e obnoxia das desventuras.

Esta não sebia você, seu João da Motta Prego sem estopa!

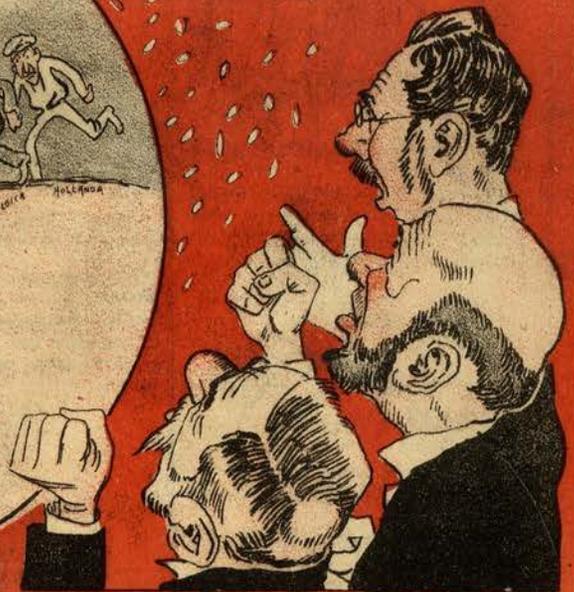


O CONVENIO

Será isto? ou não?



Elles trarão...



Mas tirarão...

CREDORES INTERNOS

E nós então?

Ai que grande reinação!...

Brincam todos, todos, todos,
Brincam todos quantos 'stão!!...